



Campus III – Guarabira

Departamento De Língua Portuguesa

Curso De Licenciatura em Língua Portuguesa

LINHA DE PESQUISA

As variações Linguísticas

## **VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Vanessa Macena de Fontes

Guarabira – PB

2014

**Vanessa Macena de Fontes**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado à Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Campus III Guarabira, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Língua Portuguesa, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edilma de Lucena Catanduba.

Guarabira – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F682v Fontes, Vanessa Macena de  
Variação linguística e ensino de língua portuguesa  
[manuscrito] : / Vanessa Macena de Fontes. - 2014.  
37 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
"Orientação: Edima de Lucena Catanduba, Departamento de  
Língua portuguesa".

1. Variação Linguística. 2. Ensino de Português. 3. Língua  
Portuguesa. I. Título.

21. ed. CDD 410

Vanessa Macena de Fontes

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Aprovada em 25 de novembro 2014

Banca examinadora:

*Edilma de Lucena Catanduba*

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Edilma de Lucena Catanduba

(Orientadora)

*Iara Ferreira de Melo Martins*

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Iara Ferreira de Melo Martins

(1<sup>ª</sup> Examinadora)

*Maria de Fátima de Souza Aquino*

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria de Fátima de Souza Aquino

(2<sup>ª</sup> Examinadora)

Guarabira-PB

2014

Vanessa Macena de Fontes



A DEUS por todos os momentos em que senti a sua presença.

À minha família, pelo carinho e apoio permanente, propiciando as condições necessárias para a elaboração deste trabalho.

A uma pessoa em ESPECIAL, pelo seu carinho, amor, compreensão e companheirismo.

A todos aqueles que me deram incentivo e contribuíram direta ou indiretamente para a realização desse trabalho.

**DEDICO.**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, meu refúgio, força e fortaleza, que tornou tudo isso possível.

Aos meus pais, Luzemar Macena de Fontes e Maria Verônica da Silva Fontes, a minha avó Lindalva Rosa da conceição símbolos de humildade, pelo apoio dado aos meus estudos durante toda a minha vida.

A todos os professores da Universidade Estadual da Paraíba, pelos novos conhecimentos adquiridos e amizades construídas ao longo desses quatro anos.

A professora e orientadora Edilma de Lucena Catanduba, pelas suas orientações.

Aos colegas do curso de Língua Portuguesa pela convivência agradável e afeto recíproco.

E aos meus amigos de longa data Erenilson Paulo de Lima, Jonathan Magaywer, Ana Paula, Maria Valdinele, Vitória.

E em especial ao meu irmão Leonardo Macena de Fontes o qual desde o começo do curso me deu forças para continuar nos estudos. Serei eternamente grata pelas noites que passamos juntos debatendo questões as quais inseri no meu TCC. Se não fosse o seu apoio não sei se teria chegado tão longe.

“A Língua é viva, dinâmica, está em constante movimento - toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação.”

(Marcos Bagno)

## RESUMO

O presente trabalho objetiva refletir sobre as variações linguísticas que se evidenciam no espaço escolar e analisar o tratamento dessas variações no contexto do ensino de Língua Portuguesa; identificar os fatores que contribuem para a propagação do preconceito linguístico. Partimos do pressuposto de que o fenômeno da variação na escola reflete a dinâmica social, é fonte de preconceito dentro e fora do espaço escolar. Nesse momento, verificamos que os professores não trabalham com a variação linguística da maneira adequada, trabalham de forma superficial e que os alunos que não utilizam a norma padrão são discriminados. Este fato estimulou o desejo de tentar compreender como as variações linguísticas acontecem. O preconceito é ocasionado por uma cultura discriminatória, na qual, há uma desvalorização da variação não padrão. Nessa pesquisa, diagnosticamos que, no ambiente escolar, não há o reconhecimento com relação às diversidades existentes em nossa língua. A pesquisa é de base bibliográfica, qualitativa e descritiva e está em consonância com a disciplina Estágio Supervisionado II que nos possibilitou vivenciar a prática educativa no Ensino médio na escola pública Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho em Guarabira PB e. Os dados da pesquisa foram coletados através da aplicação de questionários aos alunos das 30 aulas apenas 5 corresponderam as expectativas desejadas e à professora de uma turma do 1º ano do ensino médio na qual ministrei aula na fase do estágio supervisionado II (estágio de regência). Fundamentamos nossa pesquisa em estudos de autores que discutem a respeito da língua e suas variações como, Bagno (2002, 2007, 2008), Arantes (2007) e Orlandi (2009) e também nos apoiamos em autores que discutem sobre o ensino de língua como Antunes (2003) e Bortoni-Ricardo (2004, 2005) entre outros.

Palavras-chave: Variação linguística. Escola. Ensino. Sociedade.



## **ABSTRACT**

This paper aims to reflect on the linguistic variations that are evident in the school environment and analyze the treatment of these variations in the context of the teaching of Portuguese language; identify factors that contribute to the spread of linguistic prejudice. We assume that the phenomenon of variation in school reflects the social dynamics, is a source of bias in and outside school. The bias is caused by a discriminatory culture in which there is a depreciation of non-standard variation. In this research, we diagnosed that the school environment, there is no recognition in relation to existing diversities in our language. The research literature is qualitative and descriptive base and is in line with the Supervised Internship II discipline that enabled us to experience the educational practice in the teaching of public middle schools and the experience of the first contacts with the classroom. The research data were collected through questionnaires to the students and teacher in a class of 1st year of high school where I taught in the classroom phase of supervised II (stage regency). We base our research on studies of authors who discuss about the language and its variations as Bagno (2002, 2007, 2008), Arantes (2007) and Orlandi (2009) and also support the authors who discuss the teaching of language as Antunes (2003) and Bortoni-Ricardo (2004, 2005) among others.

**Keywords:** Linguistic Variation. School. Education. Society.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO..</b> .....	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I - VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UM FENÔMENO SOCIAL</b>	
<b>1.1 Linguagem e identidade</b> .....	<b>13</b>
<b>1.2 Variação Linguística na escola</b> .....	<b>16</b>
<b>1.3 As contribuições da Sociolinguística</b> .....	<b>17</b>
<b>1.4 O papel do professor</b> .....	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO II – Metodologia e Análise</b>	
<b>2.1 Os dados da pesquisa</b> .....	<b>21</b>
<b>2.2 Resultados da pesquisa</b> .....	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO III – PRECONCEITO LINGUÍSTICO</b>	
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>34</b>
<b>4. REFERÊNCIAS.</b> .....	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto do questionamento sobre como a variação linguística é abordada em sala de aula. É inegável a importância do ensino de variação linguística para a aprendizagem da língua materna, pois as questões referentes à variação estão associadas às questões de leitura e de escrita. Nesse sentido, esse estudo objetiva fazer algumas reflexões teóricas sobre o processo de variação que ocorre na língua, tomando como base o contexto escolar, bem como verificar, como esse tema é tratado nas aulas e quais são os fatores que contribuem para a propagação do preconceito linguístico em relação à variação não padrão no espaço escolar.

Traçamos os seguintes objetivos específicos para a pesquisa: identificar algumas variações linguísticas no espaço escolar, mostrar que a língua pode variar, observar quais são as atitudes e intervenções que ocorrem referentes ao assunto da pluralidade linguística nas aulas de língua portuguesa e como isso repercute na aprendizagem e desenvolvimento do aluno.

Realizamos nossa pesquisa na Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, localizada na cidade de Guarabira – PB, onde foi realizado o estágio supervisionado II que nos possibilitou vivenciar a prática educativa no Ensino médio e a experiência do primeiro contato com a sala de aula.

O estágio foi realizado no primeiro semestre do corrente ano de 2014 e foi de suprema relevância, pois, a partir das percepções do Estágio Supervisionado, surgiu o interesse pela temática da variação.

Nesse momento, verificamos que os professores não trabalham com a variação linguística da maneira adequada, trabalham de forma superficial e que os alunos que não utilizam a norma padrão são discriminados. Este fato estimulou o desejo de tentar compreender como as variações linguísticas acontecem.

As variações linguísticas ocorrem no universo escolar e fora dele também de modo que, as pessoas que não usam a norma padrão são alvo de muitos preconceitos,

pois a fala não padrão é considerada “errada” e as pessoas que a utilizam são consideradas ignorantes. Porém, a ignorância está em difundir o mito de que “As pessoas sem instrução falam tudo errado”, ou de que “O certo é falar assim porque se escreve assim” conforme aponta Bagno (2008, p. 56 e 68).

A fala está relacionada ao que as pessoas ouvem no ambiente em que vivem. A diversidade se faz presente na sociedade como resultado da história social e cultural das pessoas que interpretam mundo. Por isso, a escola precisa trabalhar com a variação como construção social. Como afirma BAGNO (2008, p. 16),

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares.

As pesquisas acerca das variações linguísticas têm demonstrado que não há língua sequer que siga um sistema uno e rígido, e que existe um grande número de fatores que interferem na maneira individual que o falante tem de se expressar, daí é que surgem as variações. E elas existem “não porque as pessoas são ignorantes ou indisciplinadas, mas porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e espaço concretos, com funções definidas” ANTUNES (2007, p. 104).

No Caminho metodológico percorrido em nossa pesquisa, foi aplicado um questionário para alunos e professores a fim de questioná-los a respeito do uso das variações linguísticas no espaço escolar.

Os dados catalogados foram analisados sob a ótica de autores que discutem a temática da variação linguística e nos ajudam a entender melhor esse fenômeno, dentre os quais Bagno (2008, 2010) que reintera o seu discurso em favor de uma educação linguística voltada para a inclusão social, para o reconhecimento e para a valorização da diversidade cultural brasileira. E mostra que a norma padrão culta é apenas uma das muitas variedades possíveis no uso do português; Arantes (2007) que salienta o fato de serem muitos e variados os valores e concepções de mundo vigentes numa sociedade complexa e diferenciada.

Assim, para fazer a reflexão que propomos sobre a variação, dividimos nosso trabalho em dois capítulos. O primeiro, intitulado Variação linguística: um fenômeno social situa a variação linguística no contexto social buscando compreendê-la como um fenômeno social que deve ser tratado como tal na escola enquanto instância da sociedade. No segundo capítulo, intitulado ensino aprendizagem da variação linguística, fazemos uma reflexão sobre como a variação é abordada nas aulas de língua portuguesa e apresentamos o resultado da análise dos dados coletados na pesquisa realizada em uma escola de ensino fundamental e médio do município de Guarabira. Em seguida, tecemos as considerações finais.

## **CAPÍTULO 1**

### **VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UM FENÔMENO SOCIAL**

No âmbito social ouvimos expressões como “oia” e “espia” variações de “olhar” e “espiar”, tais variações fazem, parte do cotidiano, mas são focos de inúmeros preconceitos, haja vista, serem consideradas como fala de pessoas menos instruídas e que os preconceituosos acreditam que é preciso saber gramática para falar bem.

A fala está relacionada com o que o falante ouve no ambiente em que vive, com a diversidade presente em sua comunidade. A variação é resultado da história social e cultural das pessoas que interpretam do seu modo e de um jeito particular.

Estamos inseridos em uma sociedade dinâmica, a qual se transforma com o passar do tempo e acaba transformando o modo pelo qual as pessoas estabelecem seus relacionamentos interpessoais. Ao se falar de variantes, é preciso não perder de vista que a língua é um código de comunicação e também um fato com repercussões sociais. Ela é dinâmica, sofre transformações com o passar do tempo em virtude de vários fatores provenientes da própria sociedade, que também é totalmente mutável. Assim, a escola ensinar a norma culta, porém, como reforça BORTONI (2005, p. 26),

A aprendizagem da norma culta deve significar uma ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno, que deverá aprender e empregar uma variedade ou outra de acordo com as circunstâncias da situação da fala.

Depende da ocasião que envolve o ato comunicativo. Adequamos nossa linguagem ao nosso interlocutor e à situação de comunicação. Isto é, usamos diferentes roupagens no nosso discurso. Para falar com nossos amigos uma, para falar com nossos pais ou professores outra e assim sucessivamente. Para cada grupo (interlocutor) um jeito de falar. Essa diferença se dá principalmente na língua falada

#### **1.1 Linguagem e identidade**

A linguagem, entendida como uma atividade social, intersubjetiva e histórica, constitutiva do homem, significa um instrumento de cultura que veicula representações, concepções e valores socioculturais. E os falantes tomam forma como sujeitos históricos e como realidades psíquicas em meio a essa intrínseca rede de relações socioverbalis, e pela interiorização da própria dinâmica socioverbal.

Assim, a linguagem permite ao sujeito tomar consciência de sua existência, o que se dá inicialmente através da tomada de consciência de seu corpo “um estar-aí no espaço e no tempo”, de seu saber “seus conhecimentos sobre o mundo”, de seus julgamentos “suas crenças”, de suas ações “seu poder fazer”. A identidade implica, então, a tomada de consciência de si mesmo. E isto se dá pela linguagem.

Na medida em que cada sujeito desempenha papéis que lhe são próprios e que, em sua singularidade, cada um tem finalidades e intenções que são distintas das do outro, ocorre a tomada de consciência. Assim, é necessário que haja diferença, a diferença em relação ao outro. É somente ao perceber o outro como diferente, que pode nascer, no sujeito, sua consciência identitária.

A percepção da diferença do outro constitui de início a prova de sua própria identidade, que passa então a “ser o que não é o outro”. A partir daí, a consciência de si mesmo existe na proporção da consciência que se tem da existência do outro. Quanto mais forte é a consciência do outro, mais fortemente se constrói a sua própria consciência identitária.

Sendo assim, é interagindo com o outro, por meio da fala, que o sujeito se compõe, estabelecendo as diversas relações sociais e relaborando o conhecimento de si próprio e do mundo, ou seja, seus valores ideológicos e visões de mundo. Por isso, no espaço escolar o aluno está propício a perceber a si mesmo como parte integrante de um mundo social e necessita do outro para construir sua identidade, de uma referência externa. Além disso, a escola é um espaço onde se acentua a busca por aceitação. A língua atua neste contexto como baliza para a construção da identidade. Segundo BORTONI (2005, p. 15).

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos tem que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras

de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidos de maneira diferenciada pela sociedade.

A escola por ser um lugar no qual se trabalha crescimento e desenvolvimento do ser humano, tem que ensinar aos alunos mostrar aos mesmos que falar diferente não é falar errado e que há diferentes formas de falar, que é necessário ter a consciência de que existem lugares para usar determinados falares e circunstâncias também determinadas. Assim, o indivíduo reproduz uma língua que o identifica como pertencente ao seu grupo que possui características específicas que são reflexos da adaptação da língua para a comunidade. Nesta perspectiva, como nos ressalta BORTONI (2005, p. 26),

A aprendizagem da norma culta deve significar uma ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno, que deverá aprender a empregar uma variedade ou outra, de acordo com as circunstâncias da situação da fala.

Com base nessas considerações, não se deve reger o ensino da língua pelas noções de certo e errado, mas pelos conceitos de adequado e inadequado, que são mais convenientes e exatos, porque refletem o uso da língua nos mais diferentes contextos.



## **1.2 Variação Linguística na escola**

Todas as línguas variam. Não existe nenhuma sociedade ou comunidade nas quais todas as pessoas falem da mesma forma. A variedade linguística é o reflexo da variedade social e como em todas as sociedades existem diferenças de status ou de papel, essas diferenças se refletem na linguagem também. Assim, compreendemos a variação linguística como um fenômeno social.

Nossa pesquisa volta-se para o ensino de língua portuguesa. Focalizamos a variação no contexto do ensino escolar. Compreendemos a escola como uma instituição social. Assim sendo, ela deve trabalhar o conhecimento sistematizado, ampliar visão de valores e da cultura, por meio de uma orientação voltada para a formação de uma postura crítica diante da língua. Deve levar em consideração que todo educador precisa ter a capacidade de perceber que a linguagem traduz a realidade os conflitos, as diferenças sociais, culturais, religiosas e políticas e econômicas presentes na vida do homem.

A escola reflete a organização social à medida que nela são travados desafios de convivência e aceitação, elaboração de conceitos a respeito de mundo, da sociedade e da própria língua, uma vez que essa reflete a realidade do falante e da sociedade em que ele vive. Desde criança já temos uma gramática fixada em nossa mente, que se manifesta de acordo com o contexto em que vivemos.

Ter consciência de que a diversidade linguística existe e que a mesma é um fenômeno social, cultural, bem como conhecermos as modalidades de uso da língua e suas variantes é de suma importância. Pois a ausência desse conhecimento leva ao preconceito e, inevitavelmente, aos problemas gerados por ele na escola, durante o processo de ensino e aprendizagem da língua que falamos.

Trabalhar com a Variação Linguística em sala de aula não é algo simples, principalmente quando não há consciência da importância desse fenômeno no ensino da Língua Padrão cobrada pela sociedade.

Trata-se de apresentar ao aluno diferentes possibilidades de uso da língua, a norma padrão e a não-padrão e mostrar que estas são empregadas em situações determinadas. O complexo trabalho com a variação requer do educador uma postura

teórica e metodológica que vai além do apontar o “certo” e o “errado”. Requer a superação dos preconceitos linguísticos que imperam no âmbito da sociedade e que tem seu reflexo na sala de aula.

## **2.1 As contribuições da Sociolinguística**

Para enfrentar esse desafio o professor pode tomar como apoio teórico as contribuições que as pesquisas da área da linguística têm oferecido para a compreensão da variação, especialmente às contribuições da linguística de base variacionista, como a Sociolinguística, em cuja perspectiva, o ensino da variação linguística em sala de aula deve partir, portanto, de pressupostos teóricos de que a língua é parte integrante da sociedade e assim sendo deve levar em consideração o meio social em que o aluno está inserido, pois como fato social, ela só acontece por meio de seus falantes.

Os estudos na área da variação buscam compreender os fatos que ocorrem na fala como mecanismos de interação e que ela é tão natural quanto respirar beber comer. Sob a ótica da Sociolinguística, nas aulas de Língua Portuguesa, temos que trabalhar a variação da língua, mas jamais descartar a gramática tradicional, pois ambas são de suma importância e devem ser utilizadas juntas dentro de sala de aula.

O professor não deve reproduzir um ensino fundado em exclusões e preconceitos. Isso significa dizer que a variação da língua e a gramática tradicional devem caminhar lado a lado, já que ambas são importantes para uma visão científica de nossa língua materna. Tanto o ensino gramática em sua modalidade padrão culta, quanto o ensino das variantes linguísticas devem ser voltados às práticas de letramento no ambiente institucional, tendo em vista que a escola é uma entidade social, onde é inevitável o contato diário com pluralidades de falares.

É preciso que não vejamos a gramática tradicional de uma forma preconceituosa e sim como um conhecimento a mais que levaremos conosco em nossas vidas. Assim também as formas variantes não devem ser vistas de uma forma preconceituosa, pois é um fenômeno que faz parte da cultura dos falantes, pois como bem nos explica Bagno (2007, p. 73):

Enquanto a gramática tradicional tenta construir uma “língua” como uma entidade homogênea e estável, a linguística reconhece a língua como uma realidade

intrinsecamente heterogênea, variável, mutante, em estreito veículo com a dinâmica social e com os usos que dela fazem os seus falantes. Uma sociedade extremamente dinâmica e multifacetada só pode apresentar uma língua igualmente dinâmica e multifacetada.

Não existe sala de aula homogênea. No contexto dessa heterogeneidade compreendemos que o universo escolar é atravessado por linhas transversais de cultura, o que chamamos de multiculturalismo. O professor deve saber lidar com essas diferenças, optando por um ensino de inclusão, onde a prioridade é incentivar o desenvolvimento e aprendizagem de cada um. É nesse cenário de heterogeneidade que a linguagem se prolifera. Assim, espera-se que a escola tome para si o desafio da reflexão sobre a variação linguística.

Como sabemos, a linguística atual revela que uma língua não é homogênea e deve ser entendida justamente pelo que caracteriza o ser humano – a diversidade, a possibilidade de mudanças. Ao retornarmos à língua-mãe, o latim, percebemos que desde então, até os dias atuais, tivemos mudanças renovadoras da língua, ou seja, o fenômeno “variação linguística” está presente em todo o momento, na formação e estruturação de nossa língua. Porém, o processo de ensino-aprendizagem das variações linguísticas na escola ainda é realizado através da correção dos falares dos alunos sem que seja levado em consideração o contexto social dos alunos.

A escola, geralmente, não reconhece a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, impondo assim, a modalidade padrão culta como se ela fosse, de fato, a modalidade comum a todos, independentemente de idade, origem geográfica, situação socioeconômica, grau de escolarização.

Para a efetivação dessa prática equivocada, o professor utiliza o livro didático sua maior ferramenta na sala de aula. Este instrumento, por seu importante papel no contexto escolar e, mais especificamente, no estudo da língua, deve colaborar na ampliação do repertório linguístico e no desenvolvimento da competência linguística do estudante, de modo que o aluno tenha acesso à variedade de maior prestígio social.

O problema é que quase sempre, o livro didático contempla apenas essa variedade de prestígio e exclui o fenômeno da variação esquecendo-se que indivíduo,

por meio da escola, deve tornar-se capaz de produzir textos orais e escritos nos mais diferentes gêneros, sabendo colocar-se adequadamente em diversas situações comunicativas, incluindo públicas e formais, sem que para isso sua variedade linguística de uso seja menosprezada.

## **2.1 O papel do professor**

O que podemos perceber é que os professores ignoram ou deixam passar despercebido o falar próprio dos alunos. Um erro muito recorrente nas salas de aula é adoção do velho conceito de que o aluno não conhece sua língua materna. Isso leva o professor a querer ensinar a teoria gramatical, como se a língua jamais tivesse sido vista. Cada Professor tem que ter a consciência de que a variação é transmitida pelo meio social de forma interativa e não pode ser julgada como “erro”. Deve buscar o aprimoramento do seu conhecimento a respeito da língua.

Deve saber, por exemplo, que na evolução da língua, algumas variantes linguísticas facilitam a pronuncia de determinadas palavras, abreviando-as sem retirar o seu sentido, comprometendo-se apenas com a dinamicidade da comunicação. É preciso buscar o melhoramento de sua prática de ensino no sentido de evitar a atitude de reproduzir regras padronizadas e se aperfeiçoar para trabalhar as variações da língua.

Mostrar ao aluno que tanto a gramática quanto a linguística nos fornecem um conhecimento amplo sobre o funcionamento da língua e o fato de que as regras podem assim ser quebradas sem haver perda do sentido diante de vários falares. Como nos explica Bagno (2008, p.164),

É Preciso que cada professor de língua assuma uma posição de cientista e investigador, de produtor de seu próprio conhecimento linguístico-teórico e prático, e abandone a velha atitude de repetidora e reprodutora de uma doutrina gramatical contraditória e incoerente.

Assim, cabe ao professor ensinar não só normas gramaticais, mas sim levar o aluno a verificar fatores que estão envolvidos na sociedade para que consiga identificar as variantes da língua e usá-las em suas situações específicas, para tanto se faz necessário

que o contexto social do aluno seja considerado como um fator importante em sala de aula.

Em geral, o estudo das variações é feito de maneira pontual, se limita a variação regional, popular e histórica e distancia o aluno da verdade dos usos reais das “variações” que não se limitam a esses três tipos citados. Estamos em constante aprendizado e evolução e a língua evolui também. É importante ressaltar que as classificações “bom” e “ruim”, “certo” e “errado” não devem ser tomadas como parâmetro para a análise do uso da língua.

A escola é um espaço multicultural. Neste, há uma multiplicidade de fenômenos de variação na interação dos alunos. Para os professores tradicionais, isso ainda é um desafio a ser enfrentado, uma vez que estes apenas cumprindo o seu trabalho de professores de língua portuguesa seriam os “guardiões do falar correto”, e não teriam a necessidade de explicar didaticamente as variações linguísticas existentes da qual somos sujeitos, pois a escola reflete a sociedade e vice versa. Bagno (2008, p.94-95) resalta que,

Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma “correta” de falar, o de que o falar de uma região é melhor do que a das outras, o de que a fala correta é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado.

O preconceito existe por causa de “padrões” e “regras” na escrita que nem todas as classes sociais conseguem dominar. Isso faz com que as pessoas que se expressam de forma diferente da norma culta sofram preconceitos. Como nos aponta Bortoni-Ricardo (2004, p. 34) “[...] esse preconceito é perverso, não tem fundamentos científicos e tem de ser seriamente combatido começando na escola” Na verdade, o preconceito linguístico também é um disfarce para o preconceito social, pois geralmente não é a língua da pessoa que é discriminada, mas a própria pessoa.

Para compreender melhor como a escola aborda a questão da variação realizamos uma pesquisa cujos resultados passaremos a apresentar.

## CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA E ANÁLISE

### 2.1. Os dados da pesquisa

A pesquisa em uma compreensão ampla é uma prática desafiadora a nos fornecer respostas a vários questionamentos. Para tanto, já com uma relação estabelecida desde o estágio supervisionado II, e conhecendo de forma mais íntima o professor (a) os alunos (as) da escola Professor José Soares de Carvalho nos debruçamos em observar as variações linguísticas no espaço que une escola e consequentemente a sociedade que é reflexo da escola.

Aplicamos um questionário para a professora de língua portuguesa e seus alunos de uma turma do 1º ano do ensino médio na Escola Estadual de ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho. A partir das respostas dadas ao questionário, observamos como se ensina as variações linguísticas e qual o método que a professora utiliza para propiciar o conhecimento dessa temática. O questionário aplicado foi o seguinte:

- 1- É importante trabalhar com a temática da Variação Linguística? Por quê? Quais variações linguísticas evidenciam-se no contexto da turma?
- 2- O Fenômeno da Variação linguística constitui um desafio para o professor? Como ele poderia trabalhar as variações?
- 3- Como os alunos reagem a tal conteúdo? Apresentam dificuldades, preconceito com outros tipos de variação?
- 4- O livro Didático contribui para o ensino das variações linguísticas? De que forma?
- 5-Que tipo de contribuição o estudo das variações podem oferecer para aprendizagem da linguagem?

Ao responder a primeira pergunta do questionário “É importante trabalhar com a temática da Variação Linguística? Por quê? Quais variações linguísticas evidenciam-se no contexto da turma?” A professora fez a seguinte afirmação:

*É importante para a formação do indivíduo perceber sem preconceito as variantes da língua, permitindo-lhe com isso, a escolha da forma adequada da fala ou escrita á cada situação comunicativa.*

Na fala da professora, pode-se observar que ela reconhece a importância de abordar as variações sem o julgo do preconceito para que o aluno perceba que o falante pode fazer uso adequado das modalidades padrão e não-padrão. Porém, por outro lado o que acontece em grande escala é a falta de compreensão dos alunos, limitados a estudar a língua padrão impostas nos conteúdos vinculados ao livro didático de português. Sendo assim desrespeitando a diversidade da fala, estigmatizando demais colegas por se expressarem diferentes.

Verifica-se ainda, atitudes de alguns profissionais da educação que por acharem mais cômodo limitar-se a ensinar apenas a linguagem culta padrão exposta no material didático de língua portuguesa. De certo modo, tal prática ajuda a perpetuar ciclos de preconceitos referente ao modo diversificado da linguagem, uma vez que, somos seres humanos dinâmicos e complexos, como bem observa Bagno (2008, p. 121)

A atitude preconceituosa da pessoa que, conhecendo uma única modalidade de uso da língua, a norma-padrão tradicional, se arroga o direito de ofender, desprezar e ridicularizar os falantes das dezenas (se não centenas) de variedades reais. Mas já sabendo que o preconceito é fruto da ignorância.

Portanto, não podemos ser compreendidos e expressar valores por apenas um padrão linguístico, visto que a variação é uma realidade e espontaneamente influenciando a todos (as).

Ao responder a questão 2 “O Fenômeno da Variação linguística constitui um desafio para o professor? Como ele poderia trabalhar as variações? A professora afirmou o seguinte:

*Para trabalhar a variação linguística, o professor deve introduzir ao mesmo tempo o respeito e a aceitação aos falares dos alunos, para que os mesmos participem de forma satisfatória das práticas sociais que demandam conhecimentos linguísticos diversos.*

Nessa resposta, a fala da professora mostra que, para haver uma aceitação e respeito dos alunos para com o preconceito linguístico é necessária a prática constante do conhecimento a respeito do que é variação linguística e como é fundamental entendermos as diversidades existentes na fala e o quanto a língua é viva, reforçando a importância da linguagem como uma forma de interação humana. O problema dessa resposta é que a professora não deixa claro como a variação deve ser trabalhada. Para tanto Bortoni (2005, p. 196) nos adverte de que:

Da perspectiva de uma pedagogia culturalmente sensível, podemos dizer que, diante da realização de uma regra não padrão pelo aluno, a estratégia do professor deve incluir dois componentes: a identificação e a conscientização da diferença.

Respondendo a terceira questão “Como os alunos reagem a tal conteúdo? Apresentam dificuldades, preconceito com outros tipos de variação?” a docente declarou:

*Os alunos usuários das variedades populares são discriminados em função da maneira de falar. Há muito preconceito com outros tipos de variação.*

Fica evidente nessa resposta que existe o preconceito em relação aos alunos que falam de maneira diferenciada. A professora atribuiu o uso das variantes às classes populares. Em sua afirmação é possível perceber um desconhecimento sobre a natureza linguística da variação e esse desconhecimento gera preconceitos linguísticos e sociais.

Respondendo a pergunta sobre o livro didático “O livro Didático contribui para o ensino das variações linguísticas? De que forma?”, a professora afirmou que:

*A maioria dos livros didáticos falam sobre variação linguística de forma superficial, não tratam este assunto de forma abrangente e efetiva.*



Em sua fala, a professora reconhece as limitações do livro didático, mas não aponta nenhuma possibilidade de buscar novas formas de se trabalhar determinados conteúdos, especialmente as variações. No entanto, sabemos que a escola é a instituição responsável por promover o contato dos alunos com os livros didáticos e contribui para a educação dos mesmos, sendo que o professor é o responsável pela seleção do livro didático e dos textos trabalhados em sala de aula. Por isso o professor deve buscar novas abordagens referentes ao assunto variação para ampliar os conhecimentos dos alunos.

O livro didático tende a fazer um trabalho superficial sobre esse assunto. A apesar de defender a diversidade linguística, segue defendendo estratégias de transformar o “errado” em “certo” e aborda a questão de maneira a perpetuar o preconceito linguístico. A variação linguística é apresentada poucas vezes nas atividades de leitura, interpretação, produção textual e atividades orais.

O tratamento dado à variação linguística, no livro didático de língua portuguesa do 1º ano médio (CORDEIRO, Lécio, EUDSON, De Paula santos, JOSÈ, Luiz da Silva, NEWTON, Avelar Coimbra: Contextualizando à Gramática; Recife- Ed. Construir, 2009) utilizado pela professora se limita a contrapor a linguagem “coloquial” à linguagem “cultura”, desconsiderando os aspectos de intencionalidade e adequação da língua. Com isso, verifica-se que este ensino não propicia a reflexão, nem explora os aspectos históricos, sociais e ideológicos que permeiam o tratamento dado à língua.

Para a última pergunta “Que tipo de contribuição o estudo das variações pode oferecer para a aprendizagem da linguagem?”, foi dada a seguinte resposta:

*Proporciona um melhor conhecimento sobre a língua com a qual nos comunicamos de forma consciente e mais eficiente dependendo da situação comunicativa, promovendo também, o respeito pela variedade do aluno como parte de sua história.*

Nessa resposta a professora mais uma vez reconhece a importância do estudo das variações para a formação linguística e humana dos alunos. Sendo assim, a variação linguística é algo importantíssimo e riquíssimo que ocorre na língua, pois como seria se todos os falantes falassem da mesma forma em todos os momentos de interação? Não existe uma língua viva se quer que seja homogênea prova disso são os estudos

linguísticos que há muitas décadas vêm mostrando que a língua é heterogênea, viva e dinâmica e por isso mesmo variável.

Também aplicamos questionário aos alunos em uma turma composta por 30 (trinta) estudantes entre 15 (quinze) e 16 (dezesesseis) anos de idade. Alguns alunos não responderam o questionário. Apenas cinco alunos responderam o questionário. O questionário aplicado foi o seguinte:

- 1- Em sua opinião, qual a importância da linguagem/fala?
- 2-Todas as pessoas falam do mesmo jeito ou existe variação?
- 3-Seu Professor de português corrige seu modo de falar? Como? Dê exemplos.
- 4 Das variações linguísticas a seguir, quais você utiliza no dia a dia e principalmente na escola? Pode marcar mais de uma opção.
  1.  Mulé - Mulher
  2.  Cuié - Colher
  3.  Pera – Esperar
  4.  Vamu - Vamos
- 5- Você percebe que dependendo do lugar, as falas são diferentes? O que você pensa sobre isso?

Os cinco alunos que responderam o questionário (doravante alunos A, B, C, D, E) apresentaram, para a primeira pergunta “Em sua opinião qual a importância da linguagem/fala?”, as seguintes respostas:

Aluno A: muito importante pois nois temos que sempre conhecer linguagem diferente.

Aluno B: *A linguagem é muito importante para o crescimento na vida social pois é preciso saber expressar as palavras corretamente para garantir mais conhecimento.*

Aluno C: *A importância da linguagem portuguesa para mim é uma das mais difíceis de se aprender então ela é uma importância enorme.*

Aluno D: *A linguagem é muito importante para sabermos nos comunicarmos com alguém e mostrar que temos educação sabemos como usa-la.*

Aluno E: *É importante pois nos temos que conhecer linguagens novas.*

Analisando as respostas dadas, podemos observar que os alunos percebem a linguagem como algo importante, porém, difícil assim podemos perceber que para os alunos o ensino de língua está relacionado ao conhecimento do expressar corretamente e tudo que foje dessa percepção é errado.

Para a segunda questão “Todas as pessoas falam do mesmo jeito ou existe variação? os discentes apresentaram as seguintes respostas:

Aluno A: *Existe sim variação, pois nem todos falam do mesmo jeito.*

Aluno B: *Na minha opinião a maioria das pessoas pronunciam as palavras do mesmo jeito errado mas isso não quer dizer que não existe variação.*

Aluno C: *Nem sempre se fala do mesmo jeito cada bairro cada cidade tem um modo diferente que se falar.*

Aluno D: *Sim existem variações, dependendo do lugar em que essas pessoas convivem e como foram educados.*

Aluno E: *Existem variações porque cada pais tem seu modo de falar.*

As respostas dadas apontam que os alunos relacionam a variação ao lugar, ao convívio e á educação. Sendo assim, seria importante mostrar aos alunos as várias formas de variação que existem no mesmo ambiente social e que outros fatores não apenas o espaço geográfico interfere na variação, ou seja, influências do meio em que vivemos.

Visto que toda língua varia, não existe lugar ou comunidade em que todas as pessoas falem da mesma maneira. E, também, porque essas variações são reflexos de diferenças sociais, tais como origem geográfica e classe social.

A terceira questão “Seu Professor de português corrige seu modo de falar? Como? Dê exemplos.” Foi respondida da seguinte forma:

Aluno A: *Sim mim falando que devo melhorar na pronúncia quando eu falo pera meninos, elas fala pera não tá espera meninos*

Aluno B: *Na maioria das vezes não. Mas já falou sobre o modo de falar no dia-a-dia. Corrigindo algumas palavras que pronunciamos da maneira errada tipo: Trouxe pronunciamos troxe.*

Aluno C: *Ela não corrige mais tenta amenizar com o dia-a-dia nas aulas.*

Aluno D: *As vezes, quando falo alguma coisa ou palavra errada ao mo mulé-mulher sempre falo essa palavra errada.*

Aluno E: *Sim, fala que deve melhor mais nos pronunciamentos.*

As respostas dadas revelam o quanto o preconceito está solidificado na escola, de modo que os alunos entendem a variação como “erro”. Enquanto não tivermos a consciência do preconceito linguístico nunca combateremos esses disfarces da procura do bem falar.

A questão de número quatro do questionário dos alunos pedia que eles marcassem as sequências de variações linguísticas mais utilizadas. Vejamos a questão e as respostas.

4. Das variações linguísticas a seguir, quais você utiliza no dia a dia e principalmente na escola? Pode marcar mais de uma opção.

1.  Mulé - Mulher
2.  Cuié - Colher
3.  Pera – Esperar
4.  Vamu – Vamos
5.  oia- Olhar

Aluno A: marcou todas

Aluno B: marcou a 4 e a 5

Aluno C: marcou 1 2 3 5

Aluno D: marcou 1 3 4 5

Aluno E: marcou 2 4 5

As respostas revelam que os usos linguísticos *mulé, vamu, pera, cuié, culé* entre outros fazem parte do cotidiano dos alunos. Pois, temos que perceber que esses falares não podem ser menosprezados ou ignorados, sem ao menos ter a consciência da sua importância na língua para os novos falares expressos naturalmente, que cada um trás na sua bagagem de conhecimento.

A última questão “Você percebe que dependendo do lugar, as falas são diferentes? O que você pensa sobre isso? foi respondida da seguinte forma:

Aluno A: *Sim, acho muito interessante porque cada país tem seu modo de falar diferente.*

Aluno B: *Concerteza, penso que não importa o lugar onde esteja, o importante é mostrar que as palavras devem ser pronunciadas da maneira correta para que não haja má interpretação.*

Aluno C: *Sim, dependendo da pessoa o estilo a fala muda também.*

Aluno D: *Sim, penso que cada lugar, tem um tipo educação diferente, e um tipo de linguagem diferente.*

Aluno E: *Sim, acho que em todo seu país tem suas falas diferentes*

O que podemos observar nas respostas é que os alunos sabem que é possível haver diferentes falares para diferentes lugares. No entanto, saber que há diferentes falares, mas não reconhecê-los como parte integrante de língua portuguesa significa levar em consideração a pluralidade linguística dos falantes.

Nessa perspectiva, cabe à escola proporcionar ao aluno o exercício de cidadania na busca de habilidades, conhecimentos, atitudes, valores e formas de atuar na sociedade por meio de uma aprendizagem significativa, compreendendo e se posicionando frente à realidade, desenvolvendo novas formas de interpretá-la, questionando, propondo soluções e sendo leitor crítico.

Os alunos estão envolvidos nas relações cognitivas e afetivas em situações reais de comunicação oral e escrita. Assim, deve-se ter cuidado para não valorizar somente a

escrita, desvalorizando a fala do aluno. A comunicação se dá através das duas formas, embora na escola haja uma valorização maior da escrita em relação à fala. É importante que saibamos contemplar e transmitir aos alunos as duas formas de expressão “oralidade e escrita”.

## **2.2-Resultados da pesquisa**

O caminho percorrido da pesquisa nos possibilitou vários esclarecimentos e resultados que serão minuciosamente discutidos a seguir. O propósito aqui não é realizar denúncias ou constrangimentos, mas, apontar possíveis soluções a problemáticas existentes no processo de ensino aprendizagem da escola pública, principalmente no tocante da disciplina de língua portuguesa.

Analisando os dados coletados, percebe-se que, na escola, o preconceito linguístico também é praticado por alguns docentes, que ainda estão presos ao ensino tradicional, esquecendo que a língua é viva. Segundo Bortoni (2005, p. 25):

Na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, mesmo na linguagem da professora que, por exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não-vebal.

Dessa forma, alguns docentes praticam o preconceito linguístico quando não percebem a língua e suas modificações, tendências e flexibilidade. Quando descartam ou desconhecem o estudo linguístico e suas teorias e constatações, ignorando, assim, a funcionalidade da língua materna, fixando-se apenas na estrutura gramatical, descartando a língua em sua totalidade.

Alguns professores de língua materna desconsideram a variação linguística, acreditando que apenas a forma padrão culta pertence e merece o estudo na escola. Sendo assim, o preconceito é reforçado por quem deveria defender a língua em suas variadas formas, em sua totalidade, tendo a sensibilidade de distinguir a fala da escrita, a norma culta à variação.

Constatou-se através deste estudo, que há a necessidade de reestruturar o ensino da língua portuguesa nas escolas públicas. Evidenciou-se necessidade de se perceber a língua materna em um âmbito mais amplo, reconhecendo a importância do estudo das variações linguísticas.

Conclui-se que a visão sobre a língua materna deve ser modificada, tanto por parte dos docentes como dos discentes, precisa-se desmistificar e refletir sobre a língua e sobre o brasileiro não saber sua própria língua materna.

Sendo assim, é necessário um movimento muito grande para modificar a ideia de que Língua Portuguesa se resume à gramática tradicional, à norma, para a percepção de que a língua portuguesa é muito mais do que gramática, que é algo vivo, flexível e que se modifica constantemente.

Em suma, defendemos que a variação linguística deve chegar ao alcance dos profissionais da educação, através da formação continuada, afim de que estes tenham ciência sobre o funcionamento da língua, bem como possibilitem aos alunos o conhecimento linguístico através de reflexões sobre seus usos linguísticos.

Assim, acreditamos que os referidos profissionais estarão sensíveis aos falares ditos errados, por serem expressos pelos falantes socialmente menos favorecidos e não escolarizados, assim como compreenderão que a língua é heterogênea e merece ser estudada para que a usemos de maneira mais adequada, de acordo com a intenção comunicativa a qual nos propomos, sabendo que não existe uma única maneira correta de falar.

### **CAPITULO 3 - PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

O preconceito linguístico nada mais é do que um julgamento que menospreza as variedades linguísticas. Infelizmente o que vemos é esse preconceito ser mantido cada vez mais através dos programas de televisão, rádio, materiais didáticos e gramáticas normativas, que tentam propor o que é certo ou errado na nossa língua.

Combater esse preconceito no nosso dia a dia é de suma importância, pois devemos entender que, independentemente do sujeito ter domínio ou não da língua padrão, seu poder comunicativo ainda existe e precisa somente de adequações. Ele é sim um falante competente de sua língua materna e precisa ser direcionado às habilidades dos contextos e situações de uso da mesma. Marcos Bagno (1999, p.166-167) afirma que é preciso “conscientizar-se de que todo falante nativo de uma língua é um usuário competente dessa língua, por isso, ele sabe essa língua”.

O preconceito linguístico é fruto do preconceito social, sendo exercido sobre aqueles que sofrem mais estigmas na sociedade – o analfabeto, o pobre, aqueles que não têm acesso à escolarização -, sendo então acusados de falar errado, de deturpar a língua.

Segundo Marcos Bagno (2002), no Brasil existe uma “mitologia do preconceito linguístico”, que prejudica não só a formação educacional, mas social do indivíduo.

Bagno evidencia oito mitos que, servem para solidificar e propagar a visão de que o Brasil apresenta uma unidade linguística e que o brasileiro por não saber falar o português corretamente causa deformações na língua; neste contexto, as escolas, que deveriam ser um meio de discussão sobre essa realidade e inserção social, tornam-se, na verdade, reprodutoras das diferenças entre classes, ensinando o português não apenas como meio de aperfeiçoar a língua, mas principalmente com o intuito de valorizar a norma culta que é representada por uma minoria, reproduzindo assim a hierarquia social. Desta forma, não se pode estigmatizar a língua, emitindo-lhe um juízo de valor e usando as diferenças linguísticas como pretexto para a discriminação.



Portanto, o conhecimento do falante sobre sua língua é inerente a sua própria vivência em sociedade. O erro, conceito muito utilizado para chamar atenção sobre os desvios do uso da norma padrão, é mais uma forma de punir ou excluir o falante que não segue o padrão linguístico preestabelecido pela classe dominante. Bagno (1999, p.149) nos explica que “[...] qualquer criança entre os 4 e 5 anos de idade já domina plenamente a gramática de sua língua”

O reconhecimento da existência de muitas variedades linguísticas é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja conseqüentemente melhorado. Em toda comunidade linguística, encontramos variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como as pessoas não falam igual. Mas os grupos de falantes prestigiados tendem a julgar outros que utilizam variantes linguísticas não padrão, por exemplo, considerando que essa diferença é um defeito ou um erro. É o que nos explica Sírio Possenti (1996, p.29)

O preconceito é mais grave e profundo no que se refere a variedades de uma mesma língua do que na comparação de uma língua com outras. As razões são históricas, culturais e sociais. Aceitamos que os outros falem diferente. Mas, não aceitamos pacificamente que os que falam ou deveriam falar a mesma língua falem de maneira diferente.

Há uma relação de suma importância entre escola e sociedade, no que se refere ao preconceito linguístico, pois a escola tem um papel muito importante no combate a esse preconceito. Entretanto, a escola muitas vezes rejeita e ignora a linguagem trazida pelo aluno, característica do grupo social a que pertence.

A escola é o lugar das diferenças. Ela já difere aqueles que lá entraram dos que não têm acesso a ela. Como uma instituição delimitadora, “ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui” (Louro, 1997, p.58). Mas, a escola, assim como a sociedade e a mídia em geral, ainda não coloca os problemas do preconceito. Tudo se passa como se fôssemos ausentes de preconceito e tratamos de forma igual indivíduos e grupos de indivíduos das mais diversas origens sociais e culturais.

Os professores e as professoras ainda não incorporaram em seus trabalhos as discussões acadêmicas (se é que tomaram contato com elas) e servem de instrumento à disseminação do preconceito. Todos os problemas e as soluções, que no meio acadêmico parecem óbvias, não chegam à escola, lugar crucial da expansão ou do combate ao preconceito.

É no período escolar que a maioria das pessoas tomam contato com outras culturas e outros grupos sociais. Nesse rico ambiente de diferenças, o que vemos é o tratamento preconceituoso, a desinformação, a discriminação.

A escola se apresenta como uma oportunidade ímpar na discussão de preconceitos e injustiças sociais. No entanto, é com pesar que verificamos que ela não é palco de debates, mas sim um palco de marionetes.

É preciso ter em mente que tudo aquilo que é considerado erro pela gramática normativa tem uma explicação lógica e perfeitamente demonstrável.

Enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, à margem da língua. Enquanto a água do rio, por estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó envelhece e só se renovará quando vier a próxima cheia (BAGNO,1999, p. 82-3)

Assim, vimos neste trabalho que valorizar e respeitar a forma de comunicação de cada grupo de indivíduos é um papel de suma importância na escola e na própria sociedade. Entender que, assim como tudo no universo muda, a língua também muda. E não existe uma variedade de língua melhor ou mais correta do que a outra, pois toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam.

Verificamos que o preconceito linguístico no Brasil ocorre muitas vezes por falta de conhecimento sobre a diversidade e que muito desse preconceito pode ser minimizado com ações desenvolvidas na escola para dar a todos os alunos as informações coerentes a respeito dos fenômenos linguísticos. Nesse sentido, é primordial se pensar e pôr em prática uma formação de professores, capacitando-os para as habilidades que serão desenvolvidas no reconhecimento da importância da diversidade linguística e de como manuseia-la na escola, com os conteúdos de língua portuguesa.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa desenvolveu-se a partir do interesse pelo ensino/aprendizagem que envolve a variação linguística em sala de aula. Tomamos como norte teórico contribuições da Sociolinguística para o ensino, principalmente na ideia de que o ensino de Língua Portuguesa deve se basear na realidade social e linguística dos alunos.

As pesquisas nessa área têm contribuído para ampliar as formulações teóricas e proporcionar a desmistificação de preconceitos e estigmas com relação à linguagem popular que historicamente “passou a ser subordinada e dependente da gramática” BAGNO (2008, p. 80), gerando assim ideias equivocadas e preconceituosas.

Partimos do princípio de que a língua não é “estática”, que a mudança linguística é um estado natural e resulta da existência dos muitos modos de falar uma mesma língua e da compreensão de que todos os diferentes “jeitos” de falar são relacionados com fatores sociais, estado de origem, idade, sexo, grupo social, nível de escolaridade, dentre outros.

Ao final deste trabalho, não poderíamos deixar de considerar aquilo que mais nos chamou a atenção nesta pesquisa, as variações linguísticas e o ensino de língua portuguesa. O grande diferencial é que este trabalho servirá de base para rever alguns conceitos no ensino aprendizagem dos seus alunos no tocante a diversidade cultural e linguística que cada qual traz, na valorização da pluralidade resultando assim na diversidade que compõe a sociedade humana.

Desta forma, tomar consciência do quanto é urgente proporcionar aos alunos novas experiências, novos contatos, novas formas de adquirirem conhecimentos, de aprofundar conceitos, bem como novas formas de expressar sua compreensão.

O dilema atual não é voltar à escola de antes, mas reinventar a escola de hoje, que faça funcionar o cenário escolar, inserindo a formação do professor constante. Para tanto, o educador não pode ignorar a tradição, pois é de fundamental importância para que parta de um princípio, porém, este educador não deve limitar-se a uma forma de ensinar. Mas buscar novas formas de ensinar.

Sendo assim o professor precisa aperfeiçoar o que já existe. Ele precisa repor o cenário em que cada um deve fazer a sua parte: o jovem de ser aluno e aprender pelo saber, respeitando a autoridade do professor que educa por dever e por prazer. Essas

melhorias podem acontecer principalmente se a comunidade escolar agir com união, docentes e discentes interagindo como um todo.

Não seria a busca por uma Escola “perfeita”, mas, “adequada” em prol do conhecimento, talvez isso possa ser uma “utopia”, mas se todos que fazem parte dela se empenharem para a realização concreta do objetivo maior – a educação - a tão sonhada transformação e qualidade do ensino, poderá tornar-se realidade.

Assim, não se pode falar em linguagem sem relacioná-la com a sociedade, pois a relação que existe entre elas é a base que constitui o ser humano. A história diz que a humanidade é formada por seres que se organizam em sociedade e possuem um código, ou seja, uma comunicação oral que seria a língua de cada falante.

O conhecimento sobre as variações pode tornar a sociedade mais humanizada e especialmente a escola que, segundo Freire (2003), é um lugar cujas práticas devem ser pautadas na igualdade de direitos. Nas palavras do mestre, em sua poesia do educador ( disponível no Site do Instituto Paulo Freire – [www.paulofreire.org](http://www.paulofreire.org) 2003, p, 66),

Escola é...  
o lugar onde se faz amigos,  
não se trata de prédios, salas, quadros,  
programas, horários, conceitos ...  
Escola é, sobretudo, gente,  
gente que trabalha, que estuda,  
que se alegra, se conhece, se estima.  
O diretor é gente,  
O coordenador é gente, o professor é gente,  
o aluno é gente,  
cada funcionário é gente,  
E a escola será cada vez melhor  
na medida em que cada um  
se comporte como colega, amigo, irmão.  
Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”.  
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir  
que não tem amizade a ninguém,  
nada de ser como tijolo que forma a parede,  
indiferente, frio, só.  
Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,  
é também criar laços de amizade,  
é criar ambiente de camaradagem,  
é conviver, é se “amarrar nela”!  
Ora, é lógico...  
numa escola assim vai ser fácil  
estudar, trabalhar, crescer,  
fazer amigos, educar-se,  
ser feliz,

É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.

Os laços de amizade, de amorosidade dos quais fala Freire são fundamentados no respeito às diferenças inclusive às linguísticas. E este respeito às diferenças linguísticas é de fato consolidado quando alunos e professores conhecem em profundidade a natureza variacional de sua própria língua.

Portanto, é pela língua que conversamos, comunicamos, pensamos, registramos, sonhamos etc. Não existe falares errados, o que existem são falares diferentes. Da mesma forma como o ser humano está em constante processo de mudança, e também o mundo está sempre mudando, a língua também varia. Desse modo, precisamos entender que a língua deve servir sempre como fator de aglutinação social e não de discriminação e exclusão.

#### 4. REFERÊNCIAS

ARANTES, Augusto Antônio, *o que é cultura popular*. 14 ed.– São Paulo: Brasiliense, 2007.

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico. O que é, como faz*. 50 ed. Loyola, São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_, Marcos; STUBBS, Michael & GANÈ, Gilles. *Língua Materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

\_\_\_\_\_, Marcos; *Nada na Língua é por acaso: Por uma pedagogia da variação linguística*, São Paulo: Parábola, 2007.

\_\_\_\_\_, *A Língua de Eulália*, 16. Ed – São Paulo: Contexto, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI, Ricardo Stella Maris: *Nós Chegemu na Escola, e agora?*, Sociolinguística e Educação São Paulo; Parábola Editorial, 2005.

CORDEIRO, Lécio, EUDSON, De Paula santos, JOSÈ, Luiz da Silva, NEWTON, Avelar Coimbra: *Contextualizando à Gramática*; Recife- Ed. Construir, 2009.

LOURO. G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes. 1997

POSSENTI, Sírio. *Porque (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP: Coleção Leituras no Brasil, 1996.

Poesia do educador Paulo Freire, disponível no Site do Instituto Paulo Freire – [www.paulofreire.org](http://www.paulofreire.org) 2003.

